

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 138

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantos tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

No seu estudo sobre a «crise do marxismo», o professor Masaryk, da Universidade de Praga, depois de haver constatado que muitas afirmações de Marx são hoje contradictadas pela experiencia, termina por dizer que a crise da sua doutrina, longe de significar a morte do socialismo, demonstra que elle se torna dia para dia mais pratico sob o ponto de vista scientifico.

Precisando bem o seu pensamento, o auctor da *Crise Philosophica e Scientifica do Marxismo Contemporaneo*, conclue por afirmar que, mesmo quando a doutrina de Marx tivesse feito bancarrota, nem por isso a ideia socialista deixaria de influir na formação d'um partido politico, independente e organizado, com os seus quadros proprios e o seu programma definido. Porque, accresce o alludido escriptor, «o socialismo tem a sua base nos defeitos evidentes da organização social presente, na sua injustiça, na sua immoralidade, na grande miseria material, intellectual e moral das massas populares».

Esta advertencia, feita aliás por um escriptor que não pertence ao partido socialista, deve sem duvida parecer desagradavel aquelles que, periodicamente, dão como enterradas, para sempre, as aspirações que movem a sociedade presente e a determinam a procurar a realização d'um Estado Social, quando não inteiramente justo, menos iniquo e mais compativel com a dignidade humana.

Querer negar o fundamento d'essas aspirações, e diminuir a importancia dos factos que as reflectem, seria faltar á verdade com desmedida insensatez e sem allas, com a mentira, se poder destruir o que aos olhos de todos se manifesta evidente.

Mas, por outro lado, se aos que julgam morta a aspiração socialista é devida a reprimenda, não menos a proposito vem o dirigi-la aquelles que, dizendo-se apostolos ou propagandistas de uma nova ideia, cuidam que para a sua realização basta enunciar formulas abstractas e proclamar com um simplismo estreito, a proximidade de uma revolução universal que transforme de subito as circumstancias e os homens e dê origem a uma sociedade inteiramente nova, completa e perfeita mesmo nos mais insignificantes elementos.

A visão d'uma catastrophe que subverta a velha organização social e faça surgir, n'um relampago, outra organização que seja a negação da primeira, desde a base até ao cume, passou á categoria das illusões proprias d'aquelles que se deixam arrastar pelo messianismo ingenuo que vive mais ou menos no espirito dos sectarios de religiões e doutrinas politicas. E assim, mentem, por ignorancia, ou o que é peor, conscientemente, os que cingindo-se a proposições dogmaticas, que não passam de ser a contrafacção de theorias mal comprehendidas e superficialmente estudadas, negam a conexão necessaria dos factores sociaes, a

evolução provavel dos acontecimentos e, em nome d'uma pretendida dialectica da historia, tudo referem a um só d'aquelles factores recusando aos restantes qualquer influencia na vida das sociedades.

O espirito estreito dos sectarios do socialismo que sómente ao facto economico reconhecem importancia e que de todas as transformações politicas desdenham, porquanto as consideram inuteis desde que não se affirmem, immediatamente, na pratica, pela transformação integral da sociedade capitalista em sociedade comunista, tem provocado as censuras d'aquelles que do socialismo são, na realidade, os mais auctorizados representantes. Assim, em 1892, por exemplo, Frederico Engels, n'uma carta a Bernstein, se referia severamente a alguns socialistas francezes que, sob o pretexto de que a revolução social estava proxima, combatiam os republicanos radicaes que pretendiam dar uma feição mais democratica á Republica Franceza. O companheiro de Marx, na carta referida, que como tantos outros documentos recentemente publicados vem esclarecer muitos equívocos e destruir muitos erros de interpretação doutrinar, escrevia: «A X (ha quem affirme que se trata de Jules Guede) metteu-se em cabeça a ideia de que a Republica Atheniense de Gambetta é bem menos perigosa para os socialistas do que a Republica Spartana de Clémenceau e, por isso, quer oppôr-se ao advento da ultima, imaginando que a nós outros, ou a qualquer partido n'este mundo, é possível impedir que um paiz passe pelos *étapes* historicamente necessarios da sua evolução. Elle ignora, decerto, quão pouco provavel se affigura que em França possa tranzitar-se da republica de Gambetta ao socialismo, sem se haver passado pela Republica de Clémenceau».

Se reproduzimos estas palavras de Frederico Engels não o fazemos no intuito de legitimar, por agora, a acção politica de aquelles que, como nós, aspiram á proclamação da Republica e consideram esta forma de organização politica adequada e necessaria ao desenvolvimento de novas intuições economicas. Apenas quizemos, ao momento, por meio de um exemplo claro e simples, demonstrar que, na realidade, o espirito estreito dos sectarios a que nos referimos, não pode prevalecer na apreciação dos phenomenos sociaes e que, por tal motivo, carece de rigor scientifico a doutrina professada por aquelles que encarando apenas um aspecto da vida das sociedades, a um determinado principio subordinam a sua critica desdenhando da complexidade dos factores a estudar.

E, como venha a proposito, não deixaremos de dizer que, por mais de uma vez, responderemos ás afirmações d'aquelles que se confessam discipulos e seguidores de Marx e Engels, com as palavras dos auctores do Manifesto Comunista.

Amiúde recordaremos o que estes dois homens escreveram, porquanto é forçoso impedir que, impunemente, sob a invocação de nomes de tão alto valor, se-

jam feitas afirmações erroneas e falsas, como tantas vezes tem succedido.

Aos marxistas quando reincidam, e por ignorancia ou calculo deturpam a doutrina responderá o proprio Marx. E elle e o seu collaborador de tantos annos, com seus escriptos modernamente dados á estampa e colligidos por estudiosos sinceros, virão justificar os que affirmam operar-se, presentemente, um grande trabalho de renovação doutrinar a que corresponde, no campo da acção politica, uma transformação de processos e uma profunda mudança de tactica.

De resto, embora nem todos tenham a nobre coragem de confessar que se enganaram, já é impossível contestar que, desde ha alguns annos, se opera essa renovação de doutrina e uma nova tactica vem sendo adoptada, mais conforme ás exigencias da luta politica, e mais de accordo com as necessidades impreteriveis que os acontecimentos impõem.

Essa renovação doutrinar, constante, e que preoccupa os mais eminentes escriptores do socialismo, exerce-se no sentido de esclarecer, umas vezes pela publicação dos escriptos complementares de Marx e Engels, a sua theoria fundamental, outras vezes pela modificação de certas proposições enunciadas pelos mesmos, porque a observação e a experiencia ensinam que os factos as contradizem ou, pelo menos, limitam sensivelmente o seu alcance.

Com a modificação doutrinar, correspondentemente, se produz a alteração profunda na acção politica observada nos ultimos tempos. E não é para extranhar que tal succeda; antes o contrario seria para admirar. Com effeito, affigura-se natural essa modificação, desde que o partido socialista, sendo um partido politico, é «um orgão n'um organismo», uma força que coopera com determinadas forças, mantida em equilibrio por outras, tendo por isso de adquirir qualidades de adaptação que, não lhe fazendo perder o seu caracter especifico, lhe permitam comtudo actuar constantemente, e segundo as circumstancias, n'um determinado sentido. De contrario o partido socialista haveria de conservar-se inactivo, immobilisando-se na contemplação de symbolos, ou perdendo-se na monotona e constante repetição de maximas sem realidade objectiva.

A renovação doutrinar do socialismo pela critica e modificação da theoria marxista—que constitue a base de todos os programas socialistas modernos—vem accentuando-se desde ha muitos annos e tomou verdadeira importancia, influenciando decisivamente, desde que aos escriptos de Benoit Malon e seus companheiros collaboradores da *Revue Socialiste* seguiram os trabalhos de Vandervelde e Destrée na Belgica, Van Koll na Hollanda, Merlino, Benedetto Croce e Arturo Labriola na Italia e, para não citar tantos outros—dando apenas de passagem resumida nota de alguns nomes—Bernstein na Alemanha.

Sobretudo o livro d'este ultimo, compilação de artigos publicados na *Neue Zeit*,—«Problemas do Socialismo»—teve uma in-

fluencia decisiva na orientação presentemente seguida e deu origem ás mais eruditas e apaixonadas discussões.

Não exageram aquelles que, como Bourdeau, consideram o referido livro a obra de maior importancia, depois do *Capital*, da litteratura socialista allemã.

A impressão produzida pelo livro de Bernstein comprehendese, desde que se saiba que o eminente escriptor foi o discipulo directo de Frederico Engels. Ser d'um allemão, intimo do collaborador de Marx, uma das obras de critica mais completa das doutrinas de Marx, eis o que na verdade causou certa surpresa no mundo socialista. De tal surpresa dão conta as actas dos congressos de Hannover e Luberk, reproduzindo as discussões acaloradas a que deu logar a «heresia bernsteiniana.»

Convém todavia não esquecer, apesar do valor do livro de Bernstein, que anteriormente a elle, outros escriptores, sobretudo latinos, haviam emprehendido um trabalho de critica, por vezes implacavel, da obra marxista. E não admira que assim succedesse porque, a clareza, o methodo e o rigor logico, são para os latinos uma condição indispensavel de exito, e d'estes predicados pôde dizer-se que nem sempre caracterisam os varios estudos do grande socialismo allemão.

Mas, se havemos de ter occasião de lembrar o que que escreveram francezes e italianos a proposito da obra de Marx, reivindicando o papel que lhes cabe como criticos d'essa obra, não deixaremos de accentuar que o livro de Bernstein, pelas polemicas a que deu origem, pôde contar-se como o de mais valor e alcance entre todos até agora publicados, sobretudo pelas circumstancias especiaes que concorrem no seu auctor.

Logo a seguir á publicação dos «Problemas do Socialismo», em replica, o dr. Karl Kautsky, escriptor dotado de vasta erudição e conhecedor, como poucos da litteratura marxista, deu á estampa um outro livro, aliás valioso, o *Marxismo e o seu critico Bernstein*, algum tanto pessoal é certo mas, sem sombra de duvida, extremamente correcto se nos lembrarmos do que elle poderia ser caso a polemica se travasse, por exemplo, entre socialistas francezes, ou mesmo italianos, apesar de estes darem mais provas de tolerancia do que os seus correligionarios de França, onde os herejes cahem, a cada passo, fulminados pela excommunhão dos grandes sacerdotes.

Porque, é bom saber-se, a intolerancia dos marxistas allemães, para com aquelles que discutem as suas doutrinas, embora pertencendo ao partido socialista, está muito longe de se manifestar violenta, implacavel, como talvez a muitos pudesse affigurar-se.

No ultimo congresso socialista, realisado em Lubeck, foi permitido a Eduardo Bernstein expôr livremente as suas opinões, sem que a sua dignidade e os seus direitos de critico fossem desrespeitados e desattendidos. Seria difficil que, sem correr o risco de soffrer as mais duras injunctivas, elle pudesse dissertar,

assim, tranquillamente, n'um congresso em França.

Dado mesmo o caso de que não se produzisse um tumulto violento, seria inevitavel, pelo menos, que as expressões injuriosas de traidor e vendido glosassem periodos mais heterodoxos do seu discurso.

Se é certo que, nos ultimos annos, uma grande parte dos socialistas francezes, alargando a sua acção, conseguiram dar um sentido verdadeiramente humano á doutrina; se é verdade que ha de partir da França a orientação definitiva, que já se accentuou com os ultimos acontecimentos politicos que profundamente abalaram aquelle paiz e formaram uma nova consciencia democratica, tambem não pôde negar-se que, na França, os sectarios do marxismo são os mais intransigentes, os mais estreitos e os mais intolerantes.

E' possível que não erremos attribuindo aos prejuizos da educação catholica o defeito, vulgar em tantos propagandistas, nos paizes latinos, de extrahirem da obra de um pensador certo numero de proposições abstractas, architectando com ellas um catholicismo que pretendem impôr, sem admittir discussão, á observancia dos membros da seita. A sobrevivencia da intolerancia catholica dá este resultado: Os que são por convencimento, por educação, por necessidade de espirito de combatividade, os maiores inimigos da Igreja e do Catholicismo, apparecem-nos como catholicos a rebours, na profissão e na propaganda de qualquer principio philosophico ou politico. Muitos doutrinaros socialistas francezes, aquelles que se apresentam reivindicando o titulo arrogante de puros e irreductiveis marxistas, e os que pensam como elles nos demais paizes latinos, entendem que tocar na doutrina do Mestre, para duvidar de alguma affirmação e critica-la com independencia de espirito, constitue sacrilegio merecedor de anathema e representa um perigo moral para o exito da propaganda e da acção da democracia socialista.

Não admittem que se pretenda conhecer, conscientemente, do valor d'um livro, nem que se considere o trabalho de um philosopho e de um economista, como base de estudos ulteriores e, por isso mesmo, susceptivel de esclarecimentos e modificações.

Comtudo, os depositarios da doutrina, e isto succede como haverá occasião de ver-se tanto na Italia como na França, reivindicam o privilegio de—elles e sómente elles!—discutirem e apreciarem entre si, o que impõem como indiscutivel aos outros mortaes. Mais ainda, julgam-se até no direito de alterar, como melhor lhes pareça, e segundo as circumstancias, o conteúdo das obras de Marx, produzindo uma contrafacção tanto mais deshonesta quanto é certo não admittirem que ella possa ser contestada pelos adversarios sem que, immediatamente, os denunciem com senha implacavel e feroz, apodando-os de «immundos burgozes» e de ignorantes ou «stupidos».

Com a doutrina de Karl Marx dá-se precisamente o que se deu com a doutrina de Hegel, como

observa justamente Georges Sorel, quando faz a critica do livro, por muitos titulos notavel, de Severo Merlino *Pro e contra o socialismo*. Constatando que, sob a invocação do nome de Karl Marx se profere as maiores heresias, commenta o facto n'estes termos um pouco duros mas sem d'vida mercedos: «Marx a eu la même manvaise fortune que son maître Hegel, sa maniere de formuler a permis de lui attribuer toutes les sottises.» (1) Isto é tão verdadeiro a proposito dos que se dizem discipulos de Marx, como de muitos que o criticam e refutam sem o haverem lido.

D'esta confusão, e de repetidas contrafacções, resulta haverse formado, conforme a nacionalidade e o temperamento de certos escriptores e propagandistas, um *marxismo* especial e proprio de cada partido ou seita. Já Frederico Engels o notava em uma das cartas a que alludimos—ao seu amigo Bernstein, em data de 3 de Novembro de 1882.

Referindo-se ao marxismo de um certo individuo designado pela inicial L, Engels escrevia: «... O facto é que o dito marxismo em França e uma criação, particular, um producto por tal forma especial que Marx dizia a XXX: «A verdade é que eu não sou marxista.»

Mas voltemos ao assumpto inicial de que nos afastámos talvez em demasia.

Feira de Março em Aveiro

Como dissémos, abriu no passado domingo este importante mercado. A concorrência n'este dia foi diminuta, havendo poucas transacções. Mas na terça-feira foi extraordinaria, affluindo das nossas aldeias e logares mais distantes immenso povo, sendo quasi difficil o transitar pelas ruas onde está installada a feira.

Decorreram com o brilhantissimo dos mais annos as solemnidades da Semana Santa nos templos d'esta cidade.

COMPRA-SE A ORDEN

O bom do *Mijareta* anda muito zangado, ao que parece, por termos muito obsequiosamente cedido aos seus pedidos e muito dignamente obedecido ás suas ordens.

E acha baixaza, villania e mais coisas, ao que parece, ter-se-lhe feito o obsequio e ter-se cumprido a sua ordem.

E esta? O lindo *Mijareta* da minha alma, é ou não verdade que escreves-te: **dou-lhe ordem e peço-lhe até que, em vez de guardar as minhas cartas, me desmascare para elucidação dos outros?**

E' verdade, *Mijaretasinho*. A cartinha está aqui e mostra-se a quem a quizer ver. Então se é verdade, onde está a nossa baixaza? Arrependeu-se o menino de ter dado a ordem? De ter pedido? Mas que temos nós com isso? Dos arrependidos é o reino do céu. Não nos oppomos a que o *Mijaretasinho* vá para o céu. Vá, vá. Mas não blaspheme dizendo que é baixaza e mais coisas feias ter-se-lhe feito a vontade.

Esta d'um sujeito commetter uma villania por acceder aos pedidos, d'outro e fazer-lhe a vontade, só de *Mijareta!*

Diz mais o bom do *Mijareta*,

ao que parece, que se comprometteu por causa d'um amigo nosso ter escripto n'um periodico seu. O lindo *Mijareta*, que perdes uma bella occasião de estar calado! Pois não foi o amorsinho que supplicou, d'esse nosso amigo, a collaboração de que hoje tanto se lamenta?

Não dizia o amorsinho—carta de 21—6—98—«O que seguiu o jornal e o firmou na reputação que deve ter para se sustentar foi a collaboração distincta de v. ex.ª que eu muito aprecio e que desejo sempre atravez de tudo.»?

Não dizia o amorsinho, n'essa mesma carta: «Com que conto eu, além da minha boa vontade? Com v. ex.ª a quem tomo a liberdade de pedir não só a continuação dos seus escriptos como tambem o obsequio de me enviar, sempre que possa, artigos para finto, o que viria trazer uma grande conveniencia?»

Não dizia o amorsinho, quando esse nosso amigo declarava que não queria escrever mais, não dizia elle—carta de 5—12—98—«Peço que continue a escrever. Se me abandonar, jornal acabará seus dias a 28 de fevereiro de 99, anno tres da morte de Pantomineiro Mór?»

Não dizia o amorsinho—carta de 10—12—98—«Estimei muito a revogação da sentença que me havia condemnado? Não dizia mais, n'essa mesma carta: «E estimei-a porque não quero acabar o jornal, quero, antes, que elle viva e muito?»

Não dizia o amorsinho, novamente, em carta de 27—12—98, continuando aquelle nosso amigo a mostrar vontade de suspender a sua collaboração: «Peço-lhe que continue a escrever até que isto, de uma ou outra maneira, se decida?»

Pois, estando doente aquelle nosso amigo, amorsinho não dizia—carta de 13—11—98: «De resto sempre lhe direi que as cartas estão fazendo falta e que a ultima produziu uma enorme sensação de agrado?»

Pois não pediu o amorsinho—carta de 1—12—98—«um artigo de rachar?»

Pois esse nosso amigo é que o *compromettia* e elle pedia-lhe, supplicava-lhe que escrevesse, e reclamava **ARTIGOS DE RACHAR?**

Pois esse nosso amigo concorreu, directa ou indirectamente, para que *amorsinho* botasse jornal?

Pois esse nosso amigo não recebeu cartas e cartas para atacar Domingos Leite, Barbosa de Magalhães e outros, dos quaes se contavam coisas *pavorosas*, principalmente de Barbosa de Magalhães, e, por ventura, accedeu aquelle nosso amigo a taes incitações e pedidos?

As cartinhas estão aqui, muito guardadinhas, para serem mostradas a quem as quizer ler. Estão aqui, estão aqui, porque nós já temos bastante experiencia dos homens para não ficarmos prevenidos nem sermos ludibriados por ninguém. Estão aqui, estão aqui, para obedecermos ás ordens do illustre *Mijareta*, que nos **ORDENOU** que as publicassemos. Nós bem sabiamos que haviamos de precisar d'ellas n'um futuro proximo, como precisámos das de Cunha e Costa e quejan

dos, sendo certo, contudo, que nunca precisamos das cartas de nenhum homem de bem para as voltarmos, tarde ou cedo, contra elle, por isso mesmo que um homem de bem, não praticando *gentilezas*, nada tem que recear nem que temer.

Pois «*Mijareta*», ao que nos consta, diz que se comprometteu com Domingos Leite por causa da local sobre a *Camara do Comercio*, que elle desconhecia?

Ai, o bom do «*Mijareta*»!

Pois «*Mijareta*» diz que foi por causa d'outro amigo nosso que se indispoz com o juiz?

Ai, o bom do «*Mijareta*»!

Então as cartas contra Domingos Leite, que havemos de publicar que a nos convier, antes de ir para a *Camara do Comercio*, local onde ha muita verdade sem haver nenhuma injuria ou offensa pessoal, local que fez rabiari o *compadre*, o nosso *jesuita*, esse que fez enterrar o infeliz Salgado detraz da porta do cemiterio, que justificou esse acto no «*Districto de Aveiro*», que foi cumprimentar os heroes do attentado de 18 de julho de 1884, o «*aristocrata*» Leite, como diz, em carta, «*Mijareta*», o «*aristocrata*» Leite que tendo ganho rios de dinheiro auxiliado pelos operarios, seus antigos companheiros e amigos, se convertem no soberbão, no fidalgo, no barão do Caes, embora tenha algumas virtudes que nós não contestamos, nem contestámos nunca, local de que «*Mijareta*» dizia: «Produziu bello effeito e foi de uma oportunidade excellenté?»

Então a causa, da má vontade de «*Mijareta*» ao juiz fomos nós, ou foi o desprezo com que o tratava o dicto juiz, ou foi a scena de pugilato no Largo da Ca deia?

Eramos nós que o excitavamos contra o juiz, que nem conheciamos, ou era elle que nos excitava a nós em cartas furibundas que ficam de reserva?

Sim, de reserva. Cá ficam.

Havemos de cumprir a ordem de «*Mijareta*», mas a contento e conveniencia nossa.

Cá ficam. Essas e muitas outras.

Mas tome o «*Mijareta*» um conselho: recolla-se a um prudentissimo silencio, que tem tudo a ganhar e nada a perder com isso.

O menino não sabia que nós não lhe podiamos dar emprego?

Para que tem e porque tem o menino feito todas essas tristes figurinhas, senão para abichar um logarsinho que lhe garanta a ociosidade e a mandrice?

Não dizia o menino, quando acabou com o jornal—carta de 18—2—99—que não queria ser *senão advogado, se advogado*, e não andou, pouco depois, atraz de todo o mundo para arranjar emprego?

Pois o menino bem sabia que nós não lh'o podiamos dar. Para que veio ter connosco? Senão tinha character, porque não teve prudencia, ao menos? Porque não fez como os outros que se governam caladinhos? Para que supplicou o nosso auxilio para o seu jornal, que fundou sem conselho nem opinião nossa, por sua exclusiva conta e risco?

Para que nos escreveu, muito depois de ter terminado o seu periodico, em 8 de dezembro de

1899, pedindo para lhe reservarmos um canto do *Povo de Aveiro* para liquidar uma questão pessoal (palavras textuaes) com o juiz *d'este burgo*?

Para que nos escreveu, quando já não existia o seu periodico, em 27 d'outubro de 1899, uma carta de DEZOITO LAUDAS, dizendo-nos contra o juiz Pinto as coisas mais espantosas que se podem dizer contra um homem e contra um magistrado? Porque escreveu, no mesmo sentido, outra carta em 12 de abril de 1900, e outra, de DOZE LAUDAS, em 11 de julho do mesmo anno?

Hoje o juiz Pinto amansou contra o menino? «*Mijareta*» já não é fulminado pelas iras do Pinto? Então o juiz Pinto é hoje, na bocca de «*Mijareta*», um magistrado dignissimo. Pois está claro!

Domingos Leite está disposto a recommendar a Jayme Lima, de quem é o primeiro conselheiro, a dedicacão, virtudes e mais partes de *Mijareta*? Então Domingos Leite, o homem dos *tomates*, o *aristocrata* Leite, fóra outros adjectivos de mais força que nos convém por instantes supprimir, é hoje o *excellentissimo* senhor Domingos Leite, o homem nobre entre os nobres, uma gloria patria, um *ascendente*. Pois está claro!

Clarissimo.

Mas não diga o menino que fomos nós que o incitamos, senão quer que o esmaguemos com as provas em contrario.

Mas cale-se o menino, senão quer ficar na situação desgraçada que a sua falta de juizo está pedindo.

E os leitores que vão vendo se o tal grupo dos francaceos não é a coisa mais abjecta e mais pulha que tem apparecido em Aveiro!

Companhia Lisbonense

Não nos enganamos quando dissémos que a *Companhia Lisbonense* trazia um optimo guarda-roupa e um excellenté scenario. Realmente é bom.

O seu director, sr. Domingos Candido da Silva, tem sido incançavel em pôr a sua companhia á altura em que se encontra, podendo dizer-se que é uma das primeiras no genero.

Traz bons artistas e um escolhido repertorio que, cremos, ha de agradar aos mais exigentes.

Domingos, Santos, Lola e outros artistas teem sido muito applaudidos pelo bom desempenho e naturalidade que sabem imprimir aos papeis que lhes estão confiados, revelando-se por isso uns artistas muito notaveis.

Querem apontar o sr. Albino Pinto de Miranda como um animal feroz, capaz de comer gente, quando o sr. Albino é um cidadão pacato e prudente.

E' francaceo? Não lhe gabamos o gosto.

E' da *Chafarica Commercial*? Faz muito bem. Mas como nunca militou, que sabemos, no grupo republicano, como militou Domingos Leite, Jayme Duarte Silva e outros, como não faz da sua loja antro d'infamias, que sabemos, tambem, o sr. Albino é nos tão indifferente como francaceo e como membro da *Chafarica* como outros francaceos e membros da *Chafarica* que existem por ali.

Mas se o sr. Albino como gente ou é um dos futuros conselheiros de estado na dynastia francacea, é dizelo e o sr. Albino terá todas as honras que lhe forem devidas.

AS OPINIÕES DO JAQUIM

Vimos que o *Jaquim* foi republicano até 1884. Vimos *Jaquim* em 1884 dizer que um empregado publico tinha obrigação de votar com a monarchia; que por nenhum principio de dignidade elle, *Jaquim*, votaria a lista ventilada pelos *sessenta carpinteiros, marnotos e sapateiros que constituíam o nucleo republicano aveirense*.

Portanto, *Jaquim* em 1884 voltava a casaca. E de casaca voltada ficou até 1889 ou 1890. Em 1890 foi novamente republicano, como todos sabem. Republicano revolucionario e assim se conservou até 1895 ou 1896. Depois voltou a casaca pela quarta vez e hoje é... de todos e de tudo.

Vejamos como elle, ex-republicano, apreciava o partido republicano em 1885, tratando dos partidos politicos, número 1 da «*Epoca*», 5 de fevereiro de 1885:

«O segundo partido é o republicano. Tem tambem o seu especifico para as *finanças* e para a *moralidade*, que são os dois achaques rheumaticos do velho Portugal.

Todos a governar e ninguém a obedecer é em geral a divisa dos republicanos portuguezes.

Caíra. Se isto fór para cima seremos nós os chefes, pensam elles, embora o não digam. Desacreditemos o regimen liberal. Exautoremos as autoridades. Faça se-lhes uma guerra constante e violenta. Minta se ás vezes, a bem da causa. Diga-se que é impossivel haver boa administração com o actual systema politico. Affirme-se com entono prophético que desde que tenhamos um presidente electivo, em vez de um rei hereditario os nossos fundos terão uma cotacão espantosa nas praças do commercio europeias, jure-se, como lance tragico de effeito, que a lista civil é um cancro horroroso, um sorvedouro famulento, e que as deprecações feitas pelos empregados publicos de todas as categorias e modelos desde o official de diligencia até ao ministro tanto na capital como nos burgos infectos e ignorados são consequencia inevitavel da monarchia.

Explore-se o vexame dos impostos. Pintem-se a carvão as gavias aduancas dos fiscos. Falle-se muito no frio da miseria, no lucto dos orphãos e viúvas, nas posilgas dos operarios, na prepotencia do dinheiro, no odio aos boleguins; exalte se a canalla que sobrenada nos baldões da sorte; cuspa-se no manto do rei e na mitra do patriarca, recemtem-se as agruras do imposto do sangue e de vez em grita apregoe-se que se não temos coraçãdos, nem grandes cidades, nem fabricas notaveis, nem decas, nem pharoes, nem estaleiros, nem marinha mercante, nem galerias de quadros, nem museus, nem hotel de invalidos, nem pantheon, nem cathedraes, nem o estabelecimento de Krup, nem o musen do Louvre, nem a manufactura de Gobolins, nem Heyde-Park, nem Guildhall, nem os castellos roqueiros do Rheno, nem um jornal como o *Times*, nem sabios como Cantu e Pasteur, nem philosophos como Spencer, naturalistas como Huxley, nem maestros como Wagner, nem pintores como Fortuny, é porque em vez d'um electivo temos presidente a lepra da monarchia.

Esta palavra *lepra* arranca muitos applausos.

Mas francamente, srs. revolucionarios, promettem muito mais do que Junot que no tomar posse de Lisboa affiançava semelhantemente a Portugal um Camões para cada provincia, e é força convir que a questão da moralidade e das finanças é absolutamente independente da fórma do governo. A moralidade pôde ser immensa em monarchias como a Belgica, a Hollanda etc., e desconhecida em republicas como as de Amalfi, Pisa, Genova e Veneza. A administração da fazenda pôde ser optima em na-

(1) *Le Devenir Social* Octobre 1897.

ções como a Italia, e pessima em organismos democraticos como em muitas das republicas da America.

Como se vê, um admiravel defensor da republica!

N'esse tempo era elle já constituinte, do grupo Dias Ferreira, como Jayme de Magalhães Lima. Mas não tardou que ambos elles passassem o pé ao idolo da occasião.

Homens austeros como aquillo, não ha.

Photographia Popular

Acha-se installada no Largo do Rocio a «Photographia Popular» do sr. Manuel Amorim Aguiar. As suas photographias são um primôr d'arte. Tivemos occasião de vêr algumas e ficámos devêras surprehendidos pela perfeição que ellas apresentam.

Vale a pena visitar o seu atelier.

Na sua ultima sessão camara-ria, o sr. presidente propoz para que se exarasse na acta um voto de sentimento pela morte do saudoso e prestantê cidadão, sr. Manuel Gonçalves de Figueiredo.

A camara approvou por unanimidade.

O fanatismo mahometano

Os estrangeiros que todos os annos vão a Biskra (Oran) procurar na benignidade do clima remedio aos seus padecimentos, assistiram ha dias a um espectáculo de costumes arabes, cujo desonlace dá bem a medida do fanatismo dos sectarios de Mafoma.

Por motivo da prolongada estia-gem, Sidi Maymed Bu Barka, o chefe supremo d'uma das muitas seitas religiosas, acompanhado dos seus sectarios e dos mais importantes monros da região, deliberou invocar o auxilio de *Aid el Rebir* (a divindade-môr). O lugar escolhido para a serimonia foi o tumulo de Sidi Zerzer, patrono dos oasis de Biskra, edificad-o em meio d'um rio e sobre as ruinas d'uma antiquissima ponte romana.

Depois de prolongadas orações, em que a berraria predominou intensamente, um dos mouros reputado da mais efficaz intercessão milagrosa, estendeu-se ao comprido no chão e, ao terminar cada psalmo recitado pela comitiva, os *marabús* regaram-lhe o corpo com agua do rio.

Havia já oito horas que durava a cerimonia, e o ceu permanecia limpi-do e sereno, sem uma nuvem a indicar que as preces tinham sido attendidas nas altas regiões.

A' medida que o tempo decorria, sem apparecerem signaes de chuva, augmentava a impaciencia dos crentes e para que resultassem mais efficazes os meios empregados, esvasia-ram sobre o corpo do infeliz enormes tinias de agua.

A desesperação apoderava se já dos assistentes ao acto e começavam a ouvir-se palavras de ameaça contra o chefe supremo Bu Barka, quando este, com um gesto imperativo, impôz silencio e, com as mãos para o ceu e a olhar fixo no Oriente, conservou-se immovel alguns minutos.

Está a fallar com Mafoma! disseram todos e, com a cabeça incli-nada, aguardaram o resultado da conferencia.

O homem que haveis escolhido para receber a agua do ceu, explicou Bu Barka, não é digno do nosso Deus.

Apenas soaram estas palavras, e como se fossem chacacs a disputarem uma presa, atiraram-se ao desventurad-o milagreiro e... zás! ferraram com ella no meio do rio.

Adiaram a cerimonia para o dia seguinte e cada um foi para sua casa implorar de novo ao divino.

E o milagreiro salvou-se pela intervenção caridosa de alguns euro-peus, que o soccorreram.

O analfabetismo

NO

EXERCITO

O illustre deputado e digno official do exercito, sr. Costa Ornellas, levantou na camara dos deputados, em termos que muito o honram e engrandecem, a momentosa questão do analfabetismo no exercito. Foi em sessão de 20 do corrente.

Ainda não temos o *Diario das Sessões* por onde possamos extrac-tar o discurso do illustre e benemerito official e a resposta do sr. ministro da guerra. Daremos esse extracto brevemente. Entretanto, vejamos o que consta do boletim parlamentar d'alguns pe-riodicos.

O Seculo dizia:

«Em questões militares desejava elle, orador, muito mais do que se tem feito já; e a primeira questão que desejava vêr resolvida, era a do analfabetismo no exercito. As escolas regimentaes, como foram e como são, não produzem o que devem produzir, e não pôdem produzir mais. O padre capellão não é bastante para ensinar a lêr ao regimento: o problema precisa de mais profunda solução; e, para isso, basta vêr o exemplo da Allema-nha e da Italia.

O ministro da guerra que resolver o problema do analfabetismo no exercito encher-se-ha de gloria. O sr. Pimentel Pinto já não precisa d'isso; tem o seu nome feito; mas elle, orador, pede apaixonadamente a s. ex.ª que resolva mais este problema; ponha s. ex.ª mais esta perola na sua já bem guarnecida corôa de gloria de ministro.»

As Novidades:

«Demonstra, tambem, o sr. Costa Ornellas a necessidade da instruc-ção prática do soldado, e, com ver-dadeira convicção e enthusiasmo, pede ao sr. ministro da guerra que resolva d'um modo efficaz o problema do analfabetismo no exercito, indi-cando o meio para o fazer, e citando os artigos publicados ultimamente pelas *Novidades* sobre este importante assumpto. Refere-se com justas palavras de elogio aos auctores d'esses artigos, os srs. Homem Christo e Xavier Machado.»

O Dia:

«Chama a attenção do sr. minist-ro da guerra para o analfabetismo no exercito. O padre capellão não é bastante: entregue-se o ensino dos sol-dados aos officiaes das companhias.

Appella para o sr. ministro, para a maioria e para a minoria, para que se dê solução a este grande problema. Resolve-se por uma simples disposição da ordem do exercito.

O sr. ministro da guerra respon-dendo ao appello do sr. Ornellas, diz que já convidou todos os commandan-tes de companhias a seguirem o exem-plo do sr. capitão Homem Christo. Muitas praças tem aproveitado im-menso com essa educação elementar.»

Repetimos: quando obtivermos o discurso completo do illustre e benemerito deputado fala-remos detidamente do assumpto.

Mas é nosso dever prestar desde já homenagem ao alto espirito patriótico do sr. Costa Ornellas.

Estas é que são as grandes questões nacionaes.

A Nova Phase do Socialismo

Do livro que, com este titulo, publicou o nosso prezado e ta-lentoso amigo dr. João de Menezes, e ao qual, bem como a outros livros que temos em nosso poder, ainda hoje nos não pode-mos referir, extractamos o artigo que vae n'outro logar.

O SR. LIMA

As opiniões do sr. Lima regulam pelas opiniões do *Jaquim*. O homem do Carmo tem sido, tambem, tudo quanto ha.

Mas como elles se juntam!

Jaquim, que está com elle, foi republicano, depois monar-chico, depois republicano, depois monarchico outra vez. *Mijareta*, que está com elle, foi republica-no e agora é monarchico. Mare-chal de Liliput, que está com elle, foi republicano e agora é monarchico. Elle, começou por fazer *bichinha gata* aos republicanos, depois foi constituinte, depois progressista, depois regenê-rador, agora francaceo.

E todos assim.

Como elles se juntam, como elles se juntam!

Em 1884 dizia Jayme na ce-lebre proclamação aos eleitores do circulo de Aveiro:

«Demais, sem ligação alguma com qualquer partido do paiz, julgo ainda inoportuna a occasião de advogar a prática de ideias e principios a que preciso dedicar mais attento estudo e que, apesar de defendidos por publi-cistas eminentes, não ganharam ainda tal favor da opinião que possam com proveito ser apresentados no parlamento.»

Aqui, como se vê, estava re-publicano em theoria. Só o não estava ainda na prática. Achava a occasião inoportuna.

Em 1885 estava já ferrenho constituinte. Enfileirava-se ao lado do sr. Dias Ferreira, que defendia com unhas e dentes. Que-rem vêr?

E' do papel do *Jaquim*, «A Epocha», n.º 5, de 5 de março de 1885. Vale a pena ouvir:

«Não é de hoje nem de hontem que este movimento da opinião se revela, mas é de agora que mais firme e valioso se accentua, é de agora que vae colhendo mais vivas sympathias e mais numerosas adhesões. Estas condições especiaes da nação favore-cem n'ô e auctorisam-n'ô, e desde que á sua frente se acha um caracter de tão rija tempera e uma intelligencia da plana do sr. Dias Ferreira, que tem propugnado sempre os principios da moralidade no poder e da maxima economia nas finanças, não admira que se lhe agrupem em torno os que ainda tomam a peito o seu nome e as prosperidades da patria.....»

O sr. Dias Ferreira e o grupo es-collido que o segue, é dos poucos que tomam a peito a restauração da patria pondo ao serviço d'ella o seu talento, sem ambições nem impaciencias pelo poder. Logo que não possa estabelecer em bases sólidas os prin-cipios da moralidade e da economia, que iniciou e que tem sempre propugnado com a inteireza e rectidão que o distinguem. *Ha myopes que o chama-m mestre d'elle mesmo*, como se isto fosse uma injuria, e outros que reconhecendo o seu talento como jurista e parlamentar, lhe negam o tacto politico que ainda não teve ensejo de demonstrar.

Não podem, porém, negar que este vulto proeminente da politica tem feito conhecidos os seus principios em todo o paiz, sem reclame, apenas pelo que vale: que tem dado provas exuberantes da sua independencia, acompanhando os governos nas medidas que interessam ao paiz e militando na opposição quando presente os desastinos dos que malbaratam a fazenda publica, mas n'uma posição honrosa, alevantada e digna, uma opposição sem facciosismo, uma opposição que tem o seu maior elogio em ser expon-tanea e sincera.

O merecimento não carece de reclames. Quando tem occasião de evi-denciar-se, evidencia-se e aclara-se. E com as desordens que se encontram

na nossa administração, com as ambi-ções, os excessos dos dois partidos que ali mais se degladeiam, contrasta admiravelmente o chefe do partido constituinte, severo e firme no seu posto, mas cuja voz se faz escutar por auctorizada sempre que os desti-nos do paiz são discutidos e n'isso vae interessada a prosperidade da patria.

Nós estamos muito longe das altas regiões em que se decidem os factos mais decisivos da politica. Não sabemos em que sentido correm os ventos d'essa região. Mas exprimimos a nos-sa convicção e somos o eco da oppo-sição que representamos dizendo que vemos o sr. Dias Ferreira o braço estrenuo, que ha de oppôr um dique aos nossos desastres financeiros e inaugurar o periodo de moralidade e economia que a parte sã do paiz séria-mente reclama.

O futuro mostrará se nos illudi-mos, como a situação presente nos mostra que a nossa politica tem necessariamente de tomar sem delongas um rumo novo e definitivo.»

Muito bonito, muito bonito. Quem dá é pae. Como o sr. Dias Ferreira não deu nada, o homem austero do Carmo mandou para a casa do diabo aquelle que estava destinado a salvar a patria e foi procurar outros patrões.

No fim de contas quem os conhece é o *Mijareta*.

Esse é que lhe dá certo.

Precioso *Mijareta!*...

Jantar aos presos

Foi offerecido na quarta-feira pelo sr. dr. Libertador, delegado n'esta comarca, um jantar aos presos civis das cadeias d'esta cidade.

Descobriu-se ha dias, n'uma cida-de da provincia de Lanza, o sequestro d'um desgraçado chamado Jean, que ha dois annos a irmã encarcerára n'um subterraneo da habitação, alimentando-o apenas a pão e agua.

Postos hippicos

As camaras municipaes dos conce-lhos d'Albergaria-a-Velha, Arouca e Estarreja, e aos lavradores srs. José Rodrigues Pardinha, de Sarrazola, e José Marques Figueira, de Salreu, foram concedidos pelo Estado repro-ductores cavallares para o estabelecimen-to de postos de cobrição, na presente epoca.

No districto haverá, pois, este anno, 5 postos hippicos, servidos por 7 magnificos cavallos, dos mais selectos da raça hackney, e um de raça luso-arabe.

Esses postos encontram-se já instalados nas localidades e com os re-productores seguintes:

Concelho d'Albergaria-a-Velha, no logar d'Assilho, com os cavallos Fayal e Kabil, hackneys.

Concelho d'Arouca, na villa, com os sementes Rakká, luso-arabe e Garibaldi, hackney.

Concelho d'Aveiro, logar de Sarrazola, com o Performer, heckney.

Concelho d'Estarreja, em Salreu, um em casa do sr. José Marques Figueira, com o Heliotropio, hackney, e outro na Senhora do Monte, com os reproductores Kacongô e Hamilton, hackneys.

No que propriamente diz respeito á propriedade do *Povo de Aveiro*, Francisco da Mauricia nunca desembolsou um real. Contribuiu algumas vezes para a sustentação do jornal, como contribuíram outros que não eram proprietarios, Domingos Leite, José Gamellas, José Moreira, etc. Mas como proprietario não desembolsou Francisco da Mauricia cinco réis. Ficou como fiador da quantia de 450\$000 réis, mas esta vida passou para cargo da sociedade quando se fez a escriptura

a que já nos referimos, e depois para cargo do ultimo proprietario do jornal, que ficou com todos os encargos em troca do material, como já dissemos e provámos.

Que mais querem os pulhas? Elles dirão.

Catecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A' venda na Livraria Elysis

—Rua Formosa, 282

PORTO

Curiosa viagem d'um morto

Conta o «Heraldo de Madrid» que morreu em San Sebastian um cavalheiro cuja ultima vontade foi que o enterrassem na capital.

Uma senhora da familia do finado dirigiu-se logo á estação com o fim de averiguar quanto custaria o transporte do cadaver.

—Tres mil pesetas.

Parceram-lhe pesetas de mais; e já vinha de volta a casa, muito aborrecida, quando um inspector lhe disse:

— Informam-me de que precisa trasladar um morto e de que lhe pediram 3:000 pesetas. Eu arranjo-lhe isso por muito menos. Vista o defunto, traga o com dois homens fingindo que está doente, e compre um bilhete até Madrid, de 70 pesetas. A mim, dá-me alguma coisa, e dá tambem uma gorgeta ao revisor, para que ve-gie o cadaver... e a coisa arranja-se!

Dito e feito. No dia seguinte trou-xeram o morto, muito embrulhado n'um gabão e com a gorra até aos olhos, e deitaram-n'ô n'uma carrua-gem de primeira. O revisor, vigilante, de vez em quando abria a portinhola e deitava uma olhadella furtiva ao cadaver...

Em Miranda de Ebro deu-se um caso imprevisto. Um inglez, que residia ha alguns annos em Bilbao, entrou para a carruagem do morto, e como pouco depois teve appetites de fumar cachimbo, muito costez pediu licença ao companheiro de viagem, que naturalmente não lhe deu resposta.

—Está dormindo—pensou o in-glez.

Mas d'ahi a pouco, como a carruagem fosse cheia de fumo, sempre delicado, pediu licença para baixar uma vidraça.

O companheiro, com a gorra enfiada pela cabeça, e sempre deitado no banco, não disse palavra.

—Será typo ordinario? perguntou, de si para si, o inglez.

Ao chegar a Venta de Baños, ainda succedeu caso mais imprevisto do que o de Miranda. N'um dos muitos solavancos que o comboyo deu ao entrar nas agulhas, o companheiro cahiu ao chão.

Vendo que elle não se levantava, muito surprehendido, o inglez correu a levantá-lo, e ao pegar lhe n'uma das mãos sentiu a gelada.

—E' um passageiro que morreu, reflectiu, e são capazes, n'este paiz dos diabos, de dizerem que fui eu que o matei. Nada, o melhor é livrar-me de estorvos...

Abriu a portinhola, agarrou no cadaver, e zás! atirou á via.

Em Valladolid appareceu o revisor.

Olhou furtivamente para o banco onde estendera o seu passageiro, e espantado por não o vêr, fazendo das tripas coração, disse ao inglez:

—O bilhete, cavalheiro.

E logo, distrahimamente:

—Não vinha aqui outro passa-geiro?

—Vinha, vinha... Apeou se na ultima estação.

O revisor cahiu redondo com um ataque apoplectico.

«Povo de Aveiro»

Em Aveiro, vende-se na «Pasteleria Cysne»
Em Lisboa, na tabacaria

**A GUERRA ANGLO-BOER
DELAREY**

Acerca d'este valente cabo de guerra escreve o nosso preado collega o Norte:

Delarey, o vencedor de Tovee-busch, é um homem sombrio e silencioso, merecendo por isso dos seus soldados o cognome de *taclurno*—como por direitos incontestáveis lhe poderiam chamar também o vencedor.

Nenhum general boer, nem mesmo o extraordinario e phantastico Dewet, tem infligido tantas derrotas completas ás tropas britannicas como Delarey. A seguinte estatística prova o que afirmamos:

—Foi elle o que commandou as tropas em Modder-River; que produziu o desastre para os highlanders em Maggersfontein; que alcançou as victorias de Uitvals Nek, de Noitgedach e de Blakfontein; o auctor da recente catastrophe do comboyo britanico junto a Klesksdorp; e finalmente, em Moedwill, esteve prestes a desbastar uma consideravel fracção do exercito britanico.

Falando-se d'elle entre os generaes inglezes, French, exprime-se d'esta fórma:—«Nenhum general boer nos tem enganado tantas vezes como Dewet; mas nenhum como Delarey nos tem morto tantos soldados.»

Em Modder River, caiu varado por uma bala ingleza um adolescente de 15 annos que combatia ao lado de Delarey. Era filho do heroico general. Delarey contemplou por momentos o cadaver do malgrado mancebo e depois, placido, com voz firme disse a um soldado boer:—«Vae chamar meu filho mais novo; que venha ao acampamento.» Dois dias depois tinha Delarey outro filho de 13 annos a combater a seu lado.

A dôr suprema que experimentou aquella alma heroica pela perda d'um ente querido, não se dissipou em breve e passou um anno, quando no acampamento boer se falava do general Roberts, a quem a guerra sul-africana tinha dado um titulo de conde, a dotação de 400:000 libras e o posto de general em chefe, o taciturno Delarey interrompeu os interlocutores:

—«Recordaes o que Roberts tem ganho com a guerra; mas não vos lembra o que muitos perderam com ella. Eu perdi um filho. Pôde-se, na verdade, attingir o posto de *feld marechal*, mas o amor de pae está acima de todas as dignidades. Quero dizer, meus amigos:—quem não sacrificará todas as riquezas, a ultima das suas patentes, convertendo-se em simples soldado, para recuperar um filho?»

Este hugnote—porque Delarey pertence a uma ascendencia antiga de protestantes—tem seguido n'esta guerra impia e deshumana uma linha de extrema bondade e compaixão. Todos os actos d'este modelo de virtudes civicas estão firmados na generosidade infinita e no extremo amor pelo proximo.

Um dia, em Noitgedach, visitou os prisioneiros inglezes. Um d'elles, que se achava ferido, perguntou a um soldado:—'Este o bom Delarey?

O chefe boer ouviu a pergunta e aproximando-se do ferido dirigiu-lhe palavras de resignação.

Afastando se logo, com os olhos velados pelas lagrimas, disse a um ajudante que o acompanhava: «Meu caro, as singelas palavras d'este homem deram-me alegria porque é raro o inimigo chamar-nos boas pessoas.»

Tal é o caracter do homem que ha poucos dias alcançou sobre os inglezes a maior victoria conhecida, talvez, no decurso da guerra sul-africana.

NOVIDADE LITTERARIA
ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heroicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

“O NORTE,”

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

A NOVA PHASE
DO
SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affectivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encaixam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exultado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa splendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA



DA

ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862

EM

Kaiserslautern

São estas as melhores machinas de costura

A machina PFAFF para costureiras.
A machina PFAFF para alfaiates.
A machina PFAFF para modistas.
A machina PFAFF para sapateiros.
A machina PFAFF para sefeiros.
A machina PFAFF para corrieiros.
A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiais.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.
Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

PARÁ E MANAUS



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil.

passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sair de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias ao srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões. Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rium e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79